

Como os povos indígenas estão respondendo à Covid-19?

MARCH 03, 2021

Desde o primeiro caso de Covid-19 confirmado no Brasil, no dia 26 de fevereiro de 2020, as populações indígenas e suas organizações estão em estado de atenção para os riscos da entrada do vírus de alto potencial letal em suas comunidades. O sinal de alarme passou a soar mais forte no dia primeiro de abril quando uma jovem, agente de saúde de 20 anos do povo Kokama, tornou-se a primeira indígena diagnosticada com o vírus.

Em um ano de Covid-19 no Brasil, de acordo com levantamento feito pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), o país registrou 49.582 pessoas indígenas contaminadas, 975 mortos e um total de 165 povos diferentes afetados.

Mas, como os povos indígenas têm respondido à pandemia de Covid-19? Tendo como tema central esta pergunta, a Plataforma de Antropologia e Respostas Indígenas à Covid-19 (Pari-c) foi criada. Trata-se de uma ferramenta de comunicação da pesquisa “Respostas Indígenas à Covid-19 no Brasil: arranjos sociais e saúde global”.

Desenvolvida ao longo de 2021 de forma inteiramente remota, a plataforma conta com uma rede de dezenas de pesquisadores indígenas e não indígenas em todo o território brasileiro e visa entender como os povos indígenas estão vivenciando a pandemia da Covid-19. Na Pari-c serão publicadas notas de pesquisa e estudos de caso estruturados, a partir de três

eixos de análise: Saúde, Cuidado e Morte; Mobilidade e Circulação; Gênero.

Ilustração de Xadalu Jukupé

No [primeiro artigo publicado](#) pela Pari-c, as pesquisadoras Maria Paula Prates e Aline Regitano apresentam o conceito de [sindemia](#), cunhado na década de 1990 pelo antropólogo Merrill Singer como alternativo ao conceito de pandemia. A sindemia define a disseminação de uma doença de maneira global, mas que não atinge a todas e todos de modo igualitário. Ao considerar que estamos vivendo uma sindemia, entende-se a importância de se atentar para o imbricamento entre desigualdades socioeconômicas e adoecimentos, que costumam ser caracterizados unicamente como eventos biológicos. Neste sentido, o artigo apresenta ainda depoimentos de duas mulheres de povos diferentes e como elas têm sido afetadas pela sindemia da Covid-19.

Em um segundo artigo, a pesquisadora Dulce Meire Moraes Mendes narra a chegada da Covid-19 na região de São Gabriel da Cachoeira no Rio Negro (AM), onde vivem 23 povos indígenas, dentre os quais alguns que vivem em isolamento. O texto conta o sucesso do controle da pandemia a partir de uma campanha realizada pelas organizações indígenas: [Rio Negro, Nós Cuidamos!](#) “A campanha arrecadou e distribuiu produtos de higiene, combustível, ferramentas agrícolas e de pesca para auxiliar as famílias rionegrinas a não se deslocarem até a cidade em busca destes produtos, correndo o risco de contraírem a doença e a levarem para as comunidades”. Neste sentido, a rede de comunicadores das aldeias (Rede Wayuri) teve papel fundamental para a [divulgação de informações](#) sobre o novo

coronavírus nas comunidades indígenas, realizando seu trabalho por meio de um sistema regional de comunicação e informação radiofônica e digital da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn).

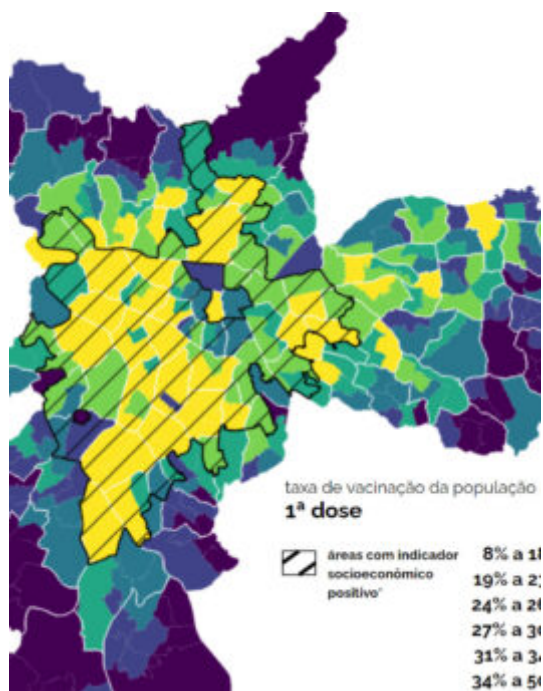
Além dos artigos, o projeto apresentará regulamente uma análise situacional. De caráter amplo, nacional e heterogêneo, esta primeira avaliação foi produzida a partir do levantamento, sistematização e exame de materiais de diferentes fontes divulgados desde o início da pandemia até janeiro deste ano. Os dados colhidos permitem observar os tipos de respostas à pandemia construídas aldeia a aldeia, povo a povo, região a região, bem como identificar recorrências e desafios comuns. Neste sentido, o foco da avaliação está na estrutura das mobilizações e ações das organizações indígenas e indigenistas, dos pesquisadores e instituições de ensino superior e, por fim, dos órgãos estatais responsáveis pela execução da política indigenista oficial.

Os resultados da pesquisa pretendem contribuir com a ampliação do controle da doença e a mitigação de impactos da pandemia, por meio de articulações com agências de saúde que possam auxiliar no processo de identificação e implementação de iniciativas que levem em consideração os conhecimentos dos povos indígenas.

O projeto traz também os registros do processo de engajamento e do impacto das respostas à pandemia nos povos indígenas, para que, desta forma, sejam estabelecidos aprendizados amplos para epidemias e pandemias futuras. Propõe-se um diálogo interdisciplinar com o campo da saúde pública, buscando colaborar com as agências e políticas públicas de saúde já existentes. Apoiada pelo Conselho Médico de Pesquisa (MRC), da agência de Pesquisa e Inovação do Reino Unido (UKRI), a Pari-c é fruto de um acordo de cooperação internacional entre a Universidade de Londres

(City University), no Reino Unido, a Universidade de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), a Universidade do Sul da Bahia (UFSB) e a Universidade de São Paulo (USP), no Brasil.

Cristiano Navarro é jornalista.









<https://outline.com/dGm2AW>

COPY

 Annotations · [Report a problem](#)

Outline is a free service for reading and annotating news articles. We remove the clutter so you can analyze and comment on the content. In today's climate of widespread misinformation, Outline empowers readers to verify the facts.

[HOME](#) · [TERMS](#) · [PRIVACY](#) · [DMCA](#) · [CONTACT](#)